

A vitalidade do movimento libertario no Japão

Fundação da Federação Livre de Sindicatos da Região Japonesa. — :

Em 24 de Maio realizou-se em Tóquio um Congresso de Sindicatos de todo o Japão, do qual resultou a constituição da Federação Livre Anti-Autoritaria.

Já em Outubro de 1922 este Congresso se tinha iniciado em Osaka, porém devido à perfídia e intrigas dos elementos comunistas, este foi encerrado violentamente.

Mas os nossos camaradas não desanimaram e esforçaram-se em propagar e proclamar o livre federalismo entre os Sindicatos e contra todo o espirito centralista, finalmente conseguiram unir-se sob este principio:

I—Nós encaramos a luta de classes como a base do movimento que libertará os operarios e camponezes;

II—Somos partidarios do movimento economico, alheio a todos os partidos politicos;

III—Proclamamos o Federalismo Livre segundo a organização industrial, combatendo todo centralismo;

IV—Combate a invasão imperialista, procurando a união internacional da classe trabalhadora,

A Federação aderiram as seguintes organizações, sob 4 federações locais:

1.ª Federação Livre de Sindicatos, com 13 ligas operarias e 1 compe-

2.ª F. L. S. de Kansai, com 4 ligas operarias;

3.ª F. L. S. de Chun-goku, com 4 ligas operarias;

4.ª Federação de ligas operarias da Hiroshima, com 5 ligas operarias e 2 de operarios impressores de Hok-Kaido.

Resumo, 29 ligas abrangendo as seguintes profissões: impressores, gaz, carpinteiros, mecânicos, jornaleiros, trabalhadores de imprensa, camponezes, goma, textis e alfaiates.

De todas as federações locais foram nomeados dois delegados relatores que rapidamente organizaram, segundo as bases da federação industrial e deoissão do Congresso 4 Comités, que apresaração e organização duma União Internacional, esforçando-se primeiramente por realizar uma conferencia de Sindicatos partidarios do federalismo livre no Extremo Oriente.

Em Junho iniciará a sua publicação «A Federação Livre» órgão que defenderá os pontos de vista acima expostos.

(Traduzido do «Laborista Movado» semanario Japonex- Esperanto, órgão dos anarquistas japonezes).

COMENTARIOS

Tudo o Poder para os Sindicatos. . .

A União Anarquista acaba de receber convite do Sindicato Unico Mobiliario para abandonar o gabinete que ocupa na sua sede. Escudam-se estes «sindicalistas revolucionarios» em motivos de ordem, para evitar casos lamentaveis. . . e satisfazer o seu torvo odio.

Claro está que a União Anarquista Portuguesa não sai da casa, resistindo assim ás imposições infames do sindicato-senhorio. Alegarão então que a U. A. P. não tem sido correcta no pagamento do aluguer, o que é verdade.

Mas nós temos em conta que o dinheiro nos tem faltado para a propaganda e para auxiliar camaradas perseguidos, pelo que perante todas as consciencias rectas ficaremos ao abrigo da exigencia iniqua dos senhores.

Isto é aliás um caso unico na historia proletaria. A U. A. P. é expulsa dum sindicato que enfileira ao lado da A. I. T.

Este acto dá-nos ainda uma bem triste ideia do que será amanhã a formula «Tudo o Poder para os Sindicatos», por alguns tão veementemente apregoadas. Mas nós resistimos hoje e resistiremos igualmente amanhã!

Abaixo a prepotencia dos senhores! Viva a Anarquia!

Atitude significativa da má fé que existe

Um camarada que não concorda connosco nem á mão de deus-padre, e não concorda porque vive fechado numa igreja, escreve-nos uma carta em que não diz que concorda nem que discorda, nem que sim-nem que não, e cheia de conselhos que tresanda. Dir-se-hia que tem toda a autoridade moral para os dar. . .

Nesta carta diz que não recebeu nunca nenhum numero de «O Anarquista», pelo que não o conhece, o que lamenta—pois desejava avaliar a verdade das acusações que alguns pseudo-sindicalistas revolucionarios nos fazem a cada esquina.

Vejam bem: Não conhece «O Anarquista», o que declara na primeira pagina da sua carta. Apesar de tudo, este camarada conselheiro, leva mais tres paginas a discordar duma attitude que declara previamente não conhecer.

A sua má fé vai até ao ponto de dar-nos como principais culpados do conflito da C. G. T., nós que apenas criticámos, e na critica, ás vezes, tivemos de chibotear, como Cristo, as faces dalguns vendilhões. . .

Manifestações histéricas

O administrador de «A Batalha» resolveu por ordem do seu dono, o illustre, querido e prezado director de «A Batalha», fazer nos uma simples partidinha, aquelas partidinhas simples que todos esses Alvaros Moreiras que existem á superficie da terra não conseguem ver nem com lentes de aumentar.

Foi nem mais nem menos do que fazer devolver toda a correspondencia que fôsse dirigida á «O Anarquista».

Que uma ordem tão estúpida e tão imbecil como o seu autor, fôsse prejudicar um jornal revolucionario, que importa isso? se era preciso dar pasto ao odio torvo que lhe germinava nas veias.

¿ Nós ou ele ?

Publicámos nesta secção, no nosso ultimo numero, um suelto intitulado «Colaboradores, oferecem-se. . .», o qual mereceu um eco de resposta no diario operario (?) «A Batalha».

Não sabemos porem ao certo se somos os atingidos ou se o é o director desse diario.

Explicamos: O que dissémos provamo-lo com factos. Ha uns meninos jornalistas que tem colaborado em «A Renovação» e em «A Batalha» e que só colaboram na razão directa das notas que recebem. Um que vende diariamente em «A Batalha» um ordenado superior a trinta escudos, não prescinde muito idealisticamente de cobrar por bom preço, e em geral antecipadamente, todos os artigos que envia para as citadas publicações. Este exemplo é seguido por outros que estão dentro dessa casa. No entanto tudo isto se faz em nome dos principios e muito desinteressadamente. . .

Dois outros, tambem em nome dos ideais, não só recebem dinheiro pela colaboração como até costumam receber adiantadamente importancias, um tanto elevadas, que serão pagas (?) com a produção que um dia hão-de fazer. Afirmamos sem receio de desmentido: — todos os jornalistas que tem colaborado nessas publicações tem recebido dinheiro por toda a colaboração que tem feito, muito embora—como qualquer outro trabalhador—quasi todos tenham os seus vencimentos diarios como empregados effectivos de varios jornais, inclusiv, muito especialmente, os que trabalham em «A Batalha».

Por consequencia, acusamos e provamos, o que é proprio de pessoas dignas e que se prezam.

Succede porem que, ha já algum tempo, quando Santos Arranha ainda não era director de «A Batalha», mas um simples operario marceneiro, disse em pleno Conselho Confederal, como deve constar das actas, se estiverem feitas com rigor, que os redactores de «A Batalha» eram uns comilões e que viviam do jornal e não para o jornal. Nessa altura disse-o mas não o provou. Ora como quem acusa e não prova não é mais do que um pulha e um canalha, nós estamos convencidos que a parte insultuosa do suelto publicado em «A Batalha» era uma simples mas autentica homenagem ás qualidades de caracter do seu director, homenagem essa a que nos associamos com grande jubilo.

O Protesto Internacional anarquista

Pró-Vanzetti e Sacco

deve prosseguir o seu curso para —: salvarmos estas duas vitimas —:

O grito de alarme lançado por todo o mundo a favor de Sacco e Vanzetti encontrou felizmente eco no proletariado de todos os paises.

De novo ameaçados pela morte, em vistas da confirmação, em ultima instancia, da condenação á morte que sobre eles pesava, aqueles camaradas acham-se mais uma vez entregues á sorte, nada esperando das leis e dos carrascos mas tudo esperando da acção forte dos seus irmãos trabalhadores, por quem souberam sacrificar-se.

Constatemos desde já que não são Sacco e Vanzetti as unicas victimas do capitalismo. São milhares os presos por todo o mundo, milhares de homens que ousaram erguer a sua rebeldia acima da podridão social presente e que detraz das grades das prisões esperam que o proletariado, lutando pela sua emancipação, lhes venha dar a liberdade. Mas Sacco e Vanzetti estão á beira da cadeira electrica da Republica Norte Americana e, primeiro que tudo, é preciso destacá-los, porque são duas vidas que estão mais perto da morte, morte que, a effectivar-se, seria um regosijo para a Burguesia ciosa de vingança, desejosa de dar um exemplo da sua força.

Avante pois, proletarios e homens livres, pela salvação de Sacco e de Vanzetti!

Regosijamo-nos que em Portugal se tenha ouvido, embora pouco e imperfeitamente, a voz de protesto, a voz de alarme, lançada pelo comité de Boston. Constatemos o seguinte facto: Neste caso mais uma vez se viu a inutilidade dos processos legais. Ha anos esta campanha pró-Sacco e Vanzetti era feita sob a direcção de José Marinheiro e então o protesto internacional atingiu o maximo fazendo reouar as garras da fera norte americana. Depois José Marinheiro deixou de dirigir a campanha, ficando a defesa dos dois presos entregue a um comité que se limitou a rodear os tramites das leis, conduzindo o processo á revisão, que nos deu afinal a confirmação de sentença, nam momento menos esperado e em que por todo o mundo havia esfriado o protesto. Então de novo, perdidas todas as esperanças legais, o comité apelou á consciencia universal do proletariado, mas já desanimado, vencido, gritou: Tudo está perdido! De novo, sim, o protesto ecoou, contestando estas palavras de quem não confia senão na lei. Perdida não está a causa de Sacco e Vanzetti! — respondeu em unisono a voz do proletariado. E nós tambem cremos que não, porque se fôsse verdade, então de nada valeria a solidariedade internacional, de nada valeria a acção revolucionaria do povo, nem para a causa de Sacco e Vanzetti, nem para a causa da Revolução Social.

Para quem quer, nada está perdido. Os revolucionarios de todo o mundo não podem admitir a morte de Sacco e Vanzetti e por isso hão de revolucionar todo o mundo para os salvar. Desorer desta acção seria desorer de nós proprios, das nossas ideias, da nossa força.

O crime de que são acusados Sacco e Vanzetti não o repudiamos, porquanto só a Burguesia o pode fazer, logicamente. São acusados de revolucionar o povo, de atentar contra a propriedade individual, de roubar dinheiro dum Banco, de ter ocasionado a morte dum cobrador. Simplesmente não é verdade tal acusação, como sobressae das provas evidentes, luminosas, feitas no decorrer do julgamento.

Se fôsse porem verdade, que significo o roubo perante o roubo, a morte perante a morte?

Mas o que a Burguesia feroz da Livre America quer não é castigar o roubo e a morte, cousas minimas que ela pratica e faz praticar dia a dia. Quer exercer uma vingança, quer atemorizar pelo exemplo o operariado que se prepara para os grandes actos da sua libertação. E', como já algures dissémos, ao esconcear de fera na agonia.

Em Portugal, isamos dizendo, os

protestos vão decorrendo assaz paulatinamente. E' necessario que decorram mais rapidamente, vinculando com força perante a opinião publica. E' preciso, nestes actos de protestos, seguir o exemplo de Bakounine que dizia: «é necessario que os revolucionarios tragam «o diabo no corpo» para que a nossa acção seja proficua.

E' necessario que ao apelo da C. G. T. respondem em unisono todos os sindicatos do pais. Por outro lado a Federação das Juventudes e a União Anarquista estão unidas para o protesto em todo o pais, e para que seja proficuo, necessario se torna que todos os nucleos de juventude e todos os grupos anarquistas se movimentem, desenvolvendo, nas respectivas localidades, o acordar das energias populares, duma repñsa necessaria nascida do conhecimento da infamia de que estão para ser prestes victimas Bartolomeu Vanzetti e Nicolau Sacco.

Que o protesto seja geral e forte! Pela vida de Sacco e Vanzetti!

Os protestos

Grupo anarquista «O Grito de Rebelião»

O grupo anarquista «O Grito de Rebelião», de Lamego, resolveu protestar contra o projectado assassinato dos dois intrépidos apóstolos do ideal anarquista Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, enviando um officio ao ministro da America.

Juventudes Sindicalistas

O Comité Federal da Federação das Juventudes Sindicalistas, numa das suas ultimas reuniões, resolveu protestar contra tão iniqua como barbara sentença e iniciar uma agitação forte em prol da salvação desses martires.

Grupo anarquista «A Flama»

O grupo anarquista «A Flama», de Leiria, faz distribuir entre a classe trabalhadora daquella localidade um vibrante manifesto, apelando para a solidariedade do proletariado, a fim de juntar os seus protestos aos do proletariado de todos os paises, para arrancar esses dois camaradas das garras do carrasco.

«Somos innocentes. . . Somos innocentes. . . Não olvideis que assasinaiis a dois homens innocentes»— disse Sacco aos juizes, ao ser declarado culpado em companhia de Vanzetti.

«Se é necessaria uma vida, dou vos a minha, na contigro de que deixeis Sacco livre para que cuide dos seus filhos. Eu não tenho a ninguem»— disse Vanzetti ao Juri.

«O Expectro do Buiça»

E' um poema do nosso camarada Roberto das Neves, do Grupo Anarquista A Labareda, de Coimbra que vem defender, numa linguagem de beleza e de rebeldia, os deportados que foram para Cabo Verde e Guiné, ás ordens do governo Guimarães e em holocausto ao Deus Capitalismo.

Roberto das Neves, poeta anarquico, fez um conf. onto emocionante e actual situação e a do tempo do Rui Carlos, fazendo sair da tumba o expectro do professor Buica, justiceiro imenso.

Este poema acha-se á venda, ao preço de 1 escudo, editado unicamente a favor dos deportado e suas familias pelo Comité Pró Presos de Lisboa

O Congresso da U. A. P.

Não deixa de ser com desgosto que constatamos o adiamento do I Congresso da União Anarquista, que devia ter-se realizado no 1.º de Julho passado.

Tal reunião faz falta ha já muito tempo, a fim de dar mais corpo á U. A. P., integrando a num caminho definido e agregando, para uma obra comum, grande numero de camaradas, algo dispersados.

No entanto como nunca fomos partidarios de realizar obras á pressa, á troixa-moixe, aceitamos de bom grado o adiamento, uma vez que com ele se aperfeiçoarão os trabalhos da sua preparação, tomando assim a obra futura mais solida e mais duradoura. O comité da U. A. P. espera interessar no Congresso todos os anarquistas, mesmo até aqueles que, por razões varias, tem estado um pouco afastados da actividade.

A uma circular que todos os aderentes receberam, seguir-se ha outra dirigida ás tres zonas de Portugal — norte, centro e sul—de forma a levar os comités regionais a ajudarem o comité nacional na preparação mais eficaz do Congresso.

Todos os aderentes já devem de estar ao facto, certamente, da Ordem de Trabalhos, que teve uma larga publicidade.

Resta agora que todos se interessem por este assunto, que todos enviem desde já para a U. A. P. a sua nota de adesão

O I Congresso da U. A. P. deve realizar-se. D-pende de todos que se realize o mais breve possivel.

Grupo «A Labareda»

Comunica-nos este grupo, composto por elementos academicos de Coimbra, que a sua direcção passa desta data em diante a ser a seguinte:

Pedro das Neves

Vila Mendes

Coimbra

Deseja manter relações com todos os agrupamentos e publicações revolucionarias de todo o mundo.

narios que estejam dispostos a salvar a C. G. T.

De contrario, em breve, restará no sitio onde se devia erguer a famosa Casa dos Trabalhadores apenas uma Editorial burguesa e uma Agencia de Trabalho.

Revolução, propaganda libertaria, relações internacionais, tudo passará á Historia. Por hoje basta.

que tudo caminhava no melhor dos mundos possivel. Que a Batalha dê de dias a dias um pontapé nos principios pelos quais são obrigados a responder, isso não os rala. A sua superficialidade de militantes amorfos basta-lhes que ela traga no cabeçalho a declaração de que é porta-voz do operariado, aderente á A. I. T., sindicalista, etc., sem cuidarem de indagar se isto corresponde á verdade dos factos, á linha de conduta ralmente seguida. Em contraposição, o Conselho, pela voz dessa maioria, contra cuja estulticia protestamos, em nome da salvação do proletariado preocupa-se com a ida á França dum delegado, discordando—ora não havia de discordar!—desta delegacia imprescindivel.

Para essa maioria numerica, a ida dum delegado á França, a um pleno da A. I. T., não é analisada segundo um prisma moral ou revolucionario. Para que serve isso? perguntará cada um, á noite, quando se mete entre os lençois. Para nada, para nada! responde a voz da sua incapacidade.

Em contraposição preocupa-se muito o lado monetario da delegacia e o facto do delegado ter ido tres ou quatro dias antes e ter regressado outros tantos dias depois. Internacionalismo, revolução espanhola, nada os preocupa. E é com estes homens que se diz parvamente que a C. G. T. pode tomar conta da produção e do consumo?!

Terminando por hoje

A nossa critica baseia-se em factos, não nasce de fantasias nem de falsas ou apaixonadas deducções. A luta de hoje resume-se entre o espirito anarquista e revolucionario e o espirito reformista, vaidoso, pessoal, de duzia e meia de camaradas que já classificamos devidamente e que são inimigos da critica, tal e qual como á burguesia que nos rodeia. Mas nós estamos aqui para lutar e levar até ao fim os nossos empreendimentos salutareis.

Um jornal anarquista não se faz somente para fornecer theorias, mas para criticar o mal e combater os que teimam em produzi-lo.

Em resposta á nossa campanha, temos tido a perseguição, a má vontade, como se fôssemos inimigos duma organização que exactamente queremos ver levantada em frente á burguesia que nos esmaga. As nossas acusações não respondem porque não tem autoridade para tal. Estão fiados no numero, na maioria, que é o supremo recurso de quem não tem razão. Isto porem não nos impede de nos dirigirmos ao proletariado do pais e até ao de todo o mundo, apontando-lhe este Conselho que precisa de ser remodelado, essa C. G. T. que não passa dum velho casarão que necessita de mais luz e de mais ar, porque se asfixia, este jornal revolucionario que é antitesa, inedito na historia proletaria, do revolucionarismo que apregoa, um jornal que acamarada com A Informação e com o Jornal do Comercio e das Colonias, mercê dum pernicioso profissionalismo jornalístico, que o despojou da sua prinioipal caracteristica.

Mas contra isto que remedio ha? perguntarão todos ansiosamente.

Isto simplesmente, que é o que se faz em toda a parte quando as cousas seguem tão desastrosamente: que os Sindicatos se manifestem, que se manifestem, de harmonia com os Sindicatos, as Federações e Unioões Locais, nomeando conscientemente os seus delegados e, sobretudo, criando um ambiente de renovação continua nos quadros sindicais. Remodelação completa do Conselho Confederal e de A Batalha e que a este empreendimento se lancem os verdadeiros revolucio-